

Trans olhares: Duas histórias de vida de pessoas trans em Fortaleza¹

Ed Ney Borges DIAS²

José Ronaldo Aguiar SALGADO³

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE

Resumo

Trans olhares: Duas histórias de vida de pessoas trans em Fortaleza é um livro-reportagem de perfis que apresenta dois olhares sobre experiências trans em Fortaleza (CE), principalmente entre 1980 e 2014. Nos perfis, são narrados episódios da vida de uma travesti militante e de uma artista de identidade de gênero fluida, personagens que desafiam os padrões normativos de gênero e sexualidade. A apuração se deu a partir de entrevistas abertas, observação participante, pesquisa bibliográfica e técnicas do Jornalismo Investigativo. Já o estilo narrativo se inspira no Jornalismo Literário, adota uma linha temporal fragmentada e organiza as histórias em torno de características centrais das perfiladas (respectivamente, a militância e a arte). O livro pretende contribuir para uma visibilidade política de pessoas trans e foge da representação estigmatizante construída pela grande imprensa.

Palavras-chave: Pessoas Trans; Sexualidade; Gênero; Jornalismo Literário; Livro-reportagem de perfis.

1. Introdução: Olhares que transgridem

Em um relatório sobre pessoas trans assassinadas pelo mundo, lançado em outubro de 2014 pela ONG internacional Transgender Europe (TGEU), o Brasil desponta como o lugar que concentra a maior quantidade de mortes em valores absolutos, figurando no topo da lista formada pelos 28 países monitorados nessa edição. Foram 113 assassinatos registrados em solo brasileiro, de outubro de 2013 a setembro de 2014. De acordo com a ONG, entre janeiro de 2008 (quando começou o levantamento) e setembro de 2014, o Brasil contabilizou 644 mortes, quase quatro vezes a mais do que o México, que ocupa a segunda colocação, com 177. Os números podem ser ainda maiores, já que são baseados apenas em casos reportados⁴.

Alguns meses depois, em abril de 2015, veio a conhecimento público o polêmico caso da travesti negra Verônica Bolina, que sofreu agressões físicas em um distrito policial

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-reportagem (avulso).

² Recém-graduado no curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: ed.borgesdias@gmail.com.

³ Orientador do trabalho e professor Mestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC).

⁴ O relatório, em inglês, está disponível em: <http://www.transrespect-transphobia.org/en_US/tvt-project/tmm-results/tdor-2014.htm>. Acesso em 28 abr 2015.

em São Paulo. Ela foi presa acusada de tentativa de assassinato de uma vizinha idosa e, no distrito policial, após uma confusão, arrancou o pedaço da orelha de um carcereiro. Em retaliação, policiais a espancaram, e fotos do ocorrido se espalharam pela internet. Nelas, a travesti aparece com o rosto desfigurado, as roupas rasgadas, os seios expostos, o cabelo raspado e as mãos e os pés algemados, deitada no chão. O episódio de Verônica – que ainda está sob investigação para ser totalmente esclarecido – dividiu opiniões, originou a campanha “#somostodasVerônica” nas redes sociais e repercutiu em portais de notícia nacionais e internacionais.

É nesse cenário, aquecido por um debate coletivo sobre transfobia, cidadania e direitos trans e representação social de pessoas transgênero nas mídias jornalísticas, que nasce o livro-reportagem de perfis *Trans olhares: Duas histórias de vida de pessoas trans em Fortaleza*. Desenvolvido como Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, da Universidade Federal do Ceará (UFC), o livro mostra dois olhares sobre performances trans no contexto urbano de Fortaleza (CE), situadas principalmente entre os anos de 1980 e de 2014.

A obra narra alguns episódios da vida de Thina Rodrigues, travesti militante e presidente da Associação de Travestis do Ceará (ATRAC), e de Dami Cruz, artista de identidade de gênero fluida (mais próxima do feminino), ligada ao figurinismo, ao estilismo e ao teatro transformista. Amarrando os dois perfis, há a cidade de Fortaleza, que evoca a própria coleção de fatos e figuras históricas da cena gay/trans local.

Ao contar um pouco da trajetória das duas protagonistas, numa narrativa que entrelaça jornalismo e literatura, *Trans olhares* se propõe a apresentar o ponto de vista de pessoas trans e a contribuir para a superação de preconceitos. O livro convida os leitores a conhecerem olhares transgressores do pensamento binário – aquele que encaixota as experiências humanas em polaridades hierarquizadas, uma dominante e uma subjugada, como, respectivamente, masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/ homossexual, etc. –, e a assumirem uma perspectiva de maior entendimento com relação às diversidades de gênero e sexual.

A seguir, serão delineados os motivos que respaldaram as decisões tomadas na elaboração do livro, os objetivos da obra, a metodologia e a estrutura narrativa. Mas, antes, faz-se necessário compreender como o jornalismo pode construir uma representação social de pessoas trans que se esquia dos estereótipos e estigmas, tão reproduzidos pelos grandes veículos de comunicação.

2. Justificativas: Olhares que transpõem

No livro *Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, o autor Edvaldo Pereira Lima define o livro-reportagem como “o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos” (2009, p.26). Lima defende que o livro-reportagem preenche os vazios deixados pelos jornais diários, que não conseguem ou não querem tratar detalhadamente de alguns temas, influenciados por fatores que englobam desde a lógica de produção industrial da notícia até as políticas editoriais das empresas (2009, pp.31-33).

Um potencializador desse veículo é o Jornalismo Literário, que alia técnicas da escrita literária aos procedimentos jornalísticos, centrando-se sempre em relatos de fatos reais (LIMA, 2009; PENA, 2008). Tanto Edvaldo Pereira Lima, em *Páginas Ampliadas*, quanto Felipe Pena, autor do livro *Jornalismo Literário* (2008), afirmam que o livro-reportagem e o Jornalismo Literário pavimentam uma rota de fuga à superficialidade presente no jornalismo cotidiano e abrem um caminho que leva à produção de uma reportagem de fôlego, de qualidade estética elevada e com histórias humanizadas.

Em meio aos diversos tipos de livro-reportagem, o de perfil se destaca justamente por carregar um forte teor humano, oriundo das lembranças e histórias de vida que lhe servem de matéria-prima. O perfil é um gênero que narra momentos pontuais da vida de uma pessoa e descreve aspectos da personalidade dela, sem cair na heroicização ou na vilanização (VILAS BOAS, 2003; LIMA, 2009). Assim, é um texto que causa um efeito empático naqueles que o leem, fazendo com que o público se aproxime dos perfilados e reflita sobre “o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelos personagens” (VILAS BOAS, 2003, p. 13).

Conforme Lima, o livro-reportagem-perfil evidencia o lado humano de uma figura pública ou de uma anônima. Nesse último caso, o indivíduo não só simboliza o grupo social ao qual pertence, mas também revela um pouco da realidade vivida pelos membros da própria comunidade (LIMA, 2009, pp. 51 – 52).

Devido a tais razões, o livro-reportagem, o Jornalismo Literário e o perfil se mostram como recursos da comunicação jornalística que permitem abordar a complexidade do universo trans de modo aprofundado. Sustentando-se sobre esses três pilares, *Trans olhares* se firma enquanto uma alternativa ao discurso hegemônico que marginaliza ou

ridiculariza indivíduos cujas experiências transpõem os limites reguladores dos papéis de gênero e da sexualidade.

É a partir da articulação dessas três vertentes jornalísticas que o livro tece as narrativas de Thina Rodrigues e Dami Cruz. A escolha das perfiladas se justifica por ambas possuírem trajetórias significativas para a cidade de Fortaleza; por serem da mesma geração e estarem inseridas no mesmo espaço geográfico; e pelas semelhanças e diferenças das identidades trans que cada uma possui. Juntas, as duas oferecem elementos que possibilitam o cumprimento dos objetivos do livro.

3. Objetivos: Olhares que transcendem

Considerando as diferentes funções do Jornalismo, explicitadas por Lima (2009, p.11), *Trans olhares* desempenha um papel social e educativo junto aos leitores, instigando-os a dar um mergulho na transgeneridade e a enxergá-la como parte de uma conjuntura maior. Thina e Dami são apenas dois exemplos das diversas pessoas que subvertem cotidianamente as regras de uma sociedade heteronormativa e cissexista – e por isso são penalizadas. Elas desafiam o sistema coercivo de padrões institucionalizados que impõem a heterossexualidade e a cisgeneridade⁵ como únicas expressões válidas de sexualidade e de gênero, enquanto outras vivências são deslegitimadas e classificadas como “desvios do normal”.

Mais do que trazer à tona as realidades sociais vividas por pessoas trans, especificamente aquelas de identidade de gênero feminina, o livro pretende provocar reflexões, expandir noções acerca das masculinidades, feminilidades e sexualidades possíveis e dismantelar visões pré-concebidas e conceitos cristalizados.

O objetivo primordial é corroborar no enfrentamento do preconceito a partir da transformação do olhar segregador que o público, em geral, direciona à população trans. Além disso, *Trans olhares* ainda anseia escapar da representação vitimadora ou

⁵ Se a transgeneridade diz respeito às vivências de pessoas transgênero, a cisgeneridade está relacionada a pessoas cisgênero. Como explica Daniela Andrade, mulher trans e militante brasileira transfeminista, no blog *Alegria Falhada*: “Cisgêneras são todas as pessoas que possuem identidade, papel e expressão de gênero correspondentes com o que foi registrado quando do nascimento. [...] Estamos falando de pessoas que nasceram com um pênis e portanto foram compulsoriamente registradas como homens, e se reconhecem como homens e não possuem incômodo em performatizarem o papel de gênero masculino dentro da sociedade, o mesmo se dando com as pessoas que nasceram com vagina, sendo portanto compulsoriamente designadas como mulheres e não possuem incômodo em performatizarem o papel de gênero feminino. [...] Transgêneras são todas as pessoas que possuem identidade e/ou papel e/ou expressão de gênero divergentes do que lhes é imposto pelas regras cissexistas que definem que alguém que nasceu com tal genital é homem ou mulher, impondo como devem aparentar e se comportar” (ANDRADE, *Alegria Falhada*. Disponível em <<http://www.alegriafalhada.com.br/o-que-e-alegria/>>. Acesso em 29 abr 2015).

estigmatizante das personagens e ilustrar a pluralidade das performances transgênero existentes.

Logo, espera-se estimular a consciência crítica e disseminar o conhecimento como formas de se transcender a discriminação. Para alcançar essas metas, o livro oferece aos leitores duas vias: a empatia gerada pelas trajetórias de vida, impregnadas de sentimentos, e as discussões gestadas no meio acadêmico sobre questões de gênero e sexuais. Com isso em mãos, os interlocutores são capazes de articular novos pensamentos e de entender melhor o leque de identidades que os diversos sujeitos podem possuir.

4. Metodologia e técnicas utilizadas: Olhares que transitam

O processo de apuração de *Trans olhares* se deu por meio da seguinte metodologia: observação participante; pesquisa bibliográfica; técnicas do Jornalismo Investigativo e entrevistas.

A observação participante, método muito usado na Antropologia, foi aplicada em ocasiões em que o autor acompanhou um pouco do dia a dia das protagonistas e viu as nuances do comportamento delas quando inseridas em ambientes distintos, como no lar, em feirinhas de arte, em eventos da militância, etc. Em termos bibliográficos, a pesquisa se valeu de um extenso material, composto por documentos oficiais, jornais, revistas, filmes, músicas, álbuns de fotografia, livros, artigos e trabalhos acadêmicos.

Quanto ao Jornalismo investigativo, princípios dele foram empregados especialmente na seção “Entreolhares: A ação policial”, que trata de uma prisão coletiva de pessoas trans ocorrida no Centro de Fortaleza, em 1988. A investigação contou com depoimentos de testemunhas e fontes oficiais da época, cruzamento de dados e contextualização histórica, política e social do momento em que tudo se desenrolou.

No que se refere às entrevistas, foram utilizadas as do tipo aberta e de compreensão, ou seja, aquelas que não se fecham em um roteiro artificial e estático de perguntas e privilegiam o estudo da psique dos interlocutores (LIMA, 2009, p. 107). No contato com as personagens principais, tentou-se por em prática aquilo que Cremilda Medina batiza de “o Diálogo Possível”, um tipo de entrevista mais humanizada, no qual é estabelecido um verdadeiro vínculo de comunicação. De acordo com a ela, o Diálogo Possível acontece quando entrevistador e entrevistado interagem, partilham visões de mundo e saem do encontro modificados um pelo outro (1995, p.7).

Já o processo de escrita foi norteado pelo Jornalismo Literário e pela Teoria dos Fractais Biográficos ou da Biografia Sem Fim, de Felipe Pena (2008). Pena reflete que os relatos biográficos cronológicos fabricam aquilo que teórico Pierre Bourdieu alcunha de “ilusão biográfica”, isto é, a falsa impressão de que uma história de vida tem começo, meio e fim bem delimitados, como se fosse um conjunto coerente e sequenciado de acontecimentos (2008, p. 72). Por esse motivo, Pena cria um método segundo o qual o perfilado é retratado a partir de diferentes núcleos identitários, em uma narração anacrônica que, posteriormente, pode ser continuada meio das mídias digitais (2008).

Trans olhares, então, inspira-se nessa teoria a fim de constituir um estilo narrativo próprio. O livro adota um tempo fragmentado e uma narração que oscila entre a primeira pessoa, usada apenas em momentos específicos, e a terceira, empregada na maioria das vezes. A cronologia é abolida, e a organização textual gira em torno de eixos temáticos, cada um fundamentado em uma característica essencial nas identidades das personagens. No caso de Thina, a militância pelos direitos de travestis, e no de Dami, o amor pelas artes, especialmente pelo teatro e pelo estilismo. A amálgama física das duas histórias é feita pela cidade de Fortaleza, a do passado e a do presente, que caminha pelas páginas quase como se fosse uma terceira personagem silenciosa, interferindo na dinâmica das duas trajetórias.

A escolha de tal esqueleto para o livro influenciou também a edição. Nela, foram priorizados os fatos ligados direta ou indiretamente às características centrais, em detrimentos daqueles de menor relevância dentro desses campos.

É importante frisar que as imagens de Thina e de Dami espelhadas nos perfis são frutos do trânsito intenso entre diferentes discursos e do eco de múltiplas vozes: da autoimagem que colecionam de si, das reminiscências que guardam, da maneira como elas foram relatadas em depoimentos e das opiniões que amigos, familiares e conhecidos têm das duas. Costurando essas visões, ainda há a percepção do autor como jornalista, que se insere em certos trechos da história enquanto personagem e narra, em primeira pessoa, as experiências vividas com as perfiladas durante os meses de apuração.

5. Descrição do produto e do processo: Olhares que transluzem

Do mesmo modo que qualquer texto do jornalismo interpretativo, *Trans olhares* seguiu as etapas básicas da elaboração de uma reportagem. A saber: pauta, apuração, escrita e edição. As duas primeiras ocorreram entre abril de 2013 e junho de 2014, intervalo em que foram entrevistadas 27 pessoas (entre protagonistas, amigos, familiares e colegas delas,

autoridades e especialistas) e do qual resultou 28 horas de gravação bruta. Sucedendo a esse período, entre julho e novembro de 2014, vieram as duas últimas fases e a finalização gráfica.

Após esse processo, enfim nasceu *Trans olhares*, livro com 352 páginas, dividido em cinco partes: “Introdução: Troca de olhares”; “Olhar 1: Thina Rodrigues”; “Entreolhares: A ação policial”; “Olhar 2: Dami Cruz”; e “Epílogo: Olhares em Transformação”. Nas páginas pós-textuais, ainda há uma galeria de fotos dos bastidores, uma lista de todos os entrevistados e as referências bibliográficas.

A introdução exerce o papel de estação de embarque para os leitores, que dali a poucos irão viajar pelo universo trans. Por isso, ela já traz alguns conceitos iniciais sobre gênero e sexualidade (como, por exemplo, a dissociação entre identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológico), ideias importantes para a compreensão posterior das histórias. Nessa parte também são relevados o porquê do interesse do autor pelo tema, as justificativas e os objetivos do trabalho, a estrutura do livro e quem são as protagonistas.

Na sequência, surgem os perfis, denominados de “olhares”. “Olhar 1” e “Olhar 2” têm como foco principal as memórias de Thina e de Dami, respectivamente. Cada um deles é dividido em seis capítulos (e subdivididos em intertítulos e intervalos narrativos), nos quais são resgatados, a partir de uma linha temporal fragmentada, episódios da infância, adolescência e vida adulta das protagonistas, especialmente aqueles relacionados às características nucleares. Neles, sabe-se mais do trabalho de Thina à frente da ONG da qual é presidente, a ATRAC, e do pioneirismo de Dami, reconhecida pelos entrevistados como a primeira artista no Estado a levar o transformismo de dublagens para o palco teatral e como uma das integrantes do grupo Metamorfose, primeiro coletivo cearense a realizar teatro transformista, nos anos 80.

Entre um “olhar” e outro, existe uma parte chamada “Entreolhares”, em que o foco da narrativa se desloca de uma personagem e recai em um fato específico, antes de pousar na próxima perfilada. Essa seção foi criada exclusivamente para trazer uma contextualização sobre um episódio que impactou Thina e a comunidade gay/trans local dos anos de 1980: uma ação policial ocorrida em 1988, no Centro de Fortaleza, onde um grupo de cerca de 50 travestis, transformistas e gays (incluindo Thina) foi levado à delegacia, por um motivo ainda hoje desconhecido.

Encerrando o livro, o epílogo esboça um panorama da cidade de Fortaleza atual no que se diz respeito a questões de gênero e sexualidades, a partir de aspectos como

militância social, políticas públicas, educação, cultura, arte e estatísticas sobre violência. Nele, ainda é reforçada a necessidade de se desconstruir os estereótipos que se tem sobre pessoas trans a fim de tornar possível a criação de uma sociedade inclusiva.

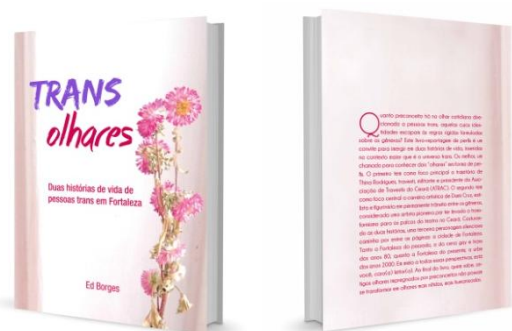


Imagem 1– Da esquerda para direita, respectivamente, capa e contracapa de *Trans olhares*

Quanto ao projeto gráfico, evitou-se o lugar-comum de representar indivíduos da comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT) unicamente pelo uso de muito brilho e muitas cores. O conceito visual desenvolvido para o livro optou pela simplicidade de formas e tonalidades, com o intuito de transmitir as diferentes feminilidades encarnadas pelas personagens.

A capa, em tons de rosa, exibe uma foto de flores vivas e secas, que simbolizam não só essas identidades femininas, mas também as marcas deixadas em pessoas trans pelo ambiente agreste que as exclui, oprime e ignora. A mesma dualidade entre aspereza e suavidade ressoa nas fontes tipográficas atribuídas aos títulos e intertítulos do livro.

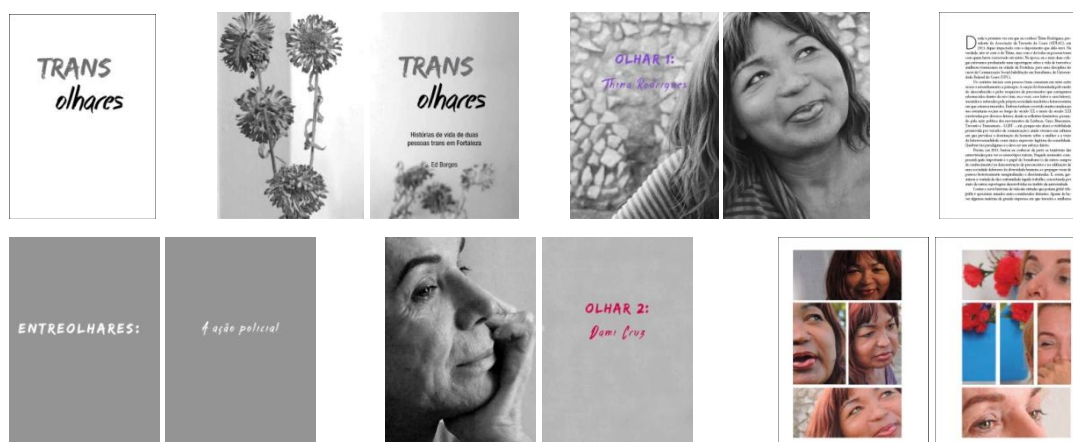


Imagem 2 – Visão do miolo: Falsa folha de rosto, frontispício, abertura do primeiro perfil e página de texto (acima); abertura do entreato, abertura do segundo perfil e fotos do epílogo (abaixo)

No miolo, na abertura dos perfis, o lilás, cor do feminismo, é associado à Thina, e o rosa choque, cor energética, à Dami, remetendo ao espírito ativista e à personalidade forte das respectivas protagonistas. Já na abertura de cada capítulo, foram empregados elementos gráficos arredondados e tons de cinza em textos de destaque, recursos responsáveis por dar leveza e delicadeza ao design.

Por fim, o projeto gráfico pretendeu traduzir imagetivamente o objetivo principal do livro de transmutar visões. Se, no começo, as fotos são em preto e branco, no fim, elas ganham cores e mostram diferentes olhares das perfiladas sob um prisma multicolorido, acompanhando a própria mudança de perspectiva dos leitores com relação ao tema.

6. Considerações finais: Olhares que transformam

De meados do século XX ao início do século XXI, a maneira de se entender orientação sexual e identidade de gênero sofreu profundas modificações, causadas por fatos que vão desde o advento das reflexões feministas e *queer*, passando pelo fortalecimento dos movimentos sociais, até, porque não dizer, o crescimento da visibilidade de indivíduos LGBT em veículos de comunicação. Porém, apesar desses avanços, ainda hoje vigora um sistema social baseado em uma matriz machista, cissexista e heteronormativa, na qual prevalece a opressão do masculino sobre o feminino, a imposição da cisgeneridade e da heterossexualidade aos sujeitos e a inferiorização de expressões de gênero e de sexualidades que extrapolam as regras dominantes.

Quebrar tais paradigmas excludentes é e deve ser um esforço constante. Nesse contexto, o Jornalismo, junto com outros campos do conhecimento, atua como um catalisador no processo de desconstrução de preconceitos. Contar e ouvir histórias de vida são atitudes que podem gerar empatia e aproximar mundos antes considerados distantes. Quando as mídias jornalísticas conseguem propagar vozes de pessoas historicamente marginalizadas e discriminadas sem reforçar estereótipos, elas se tornam instrumentos de valorização da diversidade humana.

Essa é a razão de *Trans olhares* existir. O livro assume uma função social e educativa em defesa da cidadania trans e constitui uma representação política de pessoas trans que se afasta dos estigmas, muitas vezes perpetrados pela grande imprensa. A obra tem a intenção de desanuviar os olhares dos leitores que, por ventura, estejam embaçados por pré-julgamentos e de ajudá-los a ver com maior clareza a essência das histórias ali narradas.

Mais do que de memórias, esse livro-reportagem é feito de transformações: das personagens, do autor, do próprio público leitor. Ao visibilizar as trajetórias de vida de pessoas trans e ao colocar as experiências de discriminação vividas por elas no centro das discussões, *Trans olhares* busca contribuir na edificação de uma sociedade em que efetivamente são respeitados os direitos humanos.

Algumas referências bibliográficas

CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas:** teoria, prática e experiências. Petropolis, RJ: Vozes, 2006. 204 p.

COELHO, Juliana Frota da Justa. **Ela é o show:** Performances trans na capital cearense. Rio de Janeiro, RJ: Multifoco, 2012. 163 p.

FACCHINI, Regina. Histórico da luta de LGBT no Brasil. **Cadernos Temáticos Conselho Regional de Psicologia SP**, São Paulo, n. 11, p.10-19, 2011. Disponível em: <http://www.crsp.org.br/portal/comunicacao/cadernos_tematicos/11/frames/fr_indice.aspx>. Acesso em: 04 maio 2014.

GREEN, James N. **Além do carnaval:** A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo, SP: Ed. UNESP, 2000. 541 p.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. rev. e ampl. Barueri, SP: Manole, 2009. 470 p.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: Uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC: v. 9, 2º semestre de 2001, p.541-553. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista:** o diálogo possível. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995. 96p.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo:** Uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2009. 262 p.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo, SP: Contexto, 2008, 142 p.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo investigativo:** o fato por trás da notícia. São Paulo, SP: Summus, 2005. 197 p.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografias & biógrafos:** jornalismo sobre personagens. São Paulo, SP: Summus, 2002. 174 p.

_____. **Perfis:** e como escrevê-los. São Paulo, SP: Summus, 2003. 162p.